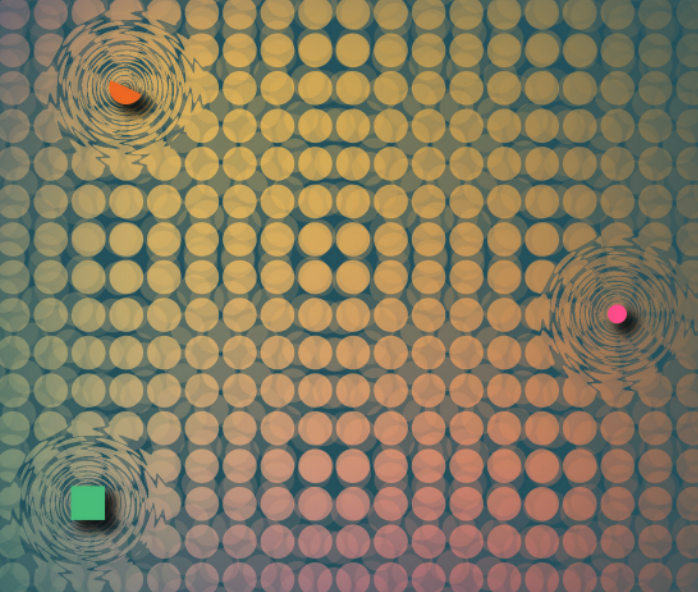


Diferenças, Deficiências e Desigualdades

cenários de pesquisas



Organizadoras

Shirley Silva • Roseane Rabelo Sousa Farias
Letícia Paloma de Freitas Pereira Silva • Sandra Rodrigues da Silva Chang

Diferenças, deficiências e desigualdades - cenários de pesquisas

Shirley Silva
Roseane Rabelo Souza Farias
Letícia Paloma de Freitas Pereira Silva
Sandra Rodrigues da Silva Chang
(Organizadoras)

DOI: 10.11606/9786587047362



Faculdade de Educação da USP

2022

Organizadoras

Shirley Silva
Roseane Rabelo Sousa Farias
Letícia Paloma de Freitas Pereira Silva
Sandra Rodrigues da Silva Chang

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior
Vice-Reitora: Pro^a. Dr^a. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Faculdade de Educação

Diretora: Prof^a. Dr^a. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto
Vice-Diretor: Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto

Revisão de texto

Thiago Rosenberg

Projeto Gráfico

Antonio Quixadá

Direitos desta edição reservados à FEUSP

Avenida da Universidade, 308
Cidade Universitária – Butantã
05508-040 – São Paulo – Brasil
(11) 3091-2360
E-mail: spdfe@usp.br
<http://www4.fe.usp.br/>



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Common indicada.

D569	<p>Diferenças, deficiências e desigualdades: cenários de pesquisas. / Shirley Silva <i>et al.</i> (Organizadores). São Paulo: FEUSP, 2022. 391 p.</p> <p>ISBN: 978-65-87047-36-2 (E-book – PDF) DOI: 10.11606/9786587047362</p> <p>I. Diferenças. 2. Deficiências. 3. Desigualdades. 4. Pesquisas acadêmicas. I. Silva, Shirley. II. Farias, Roseane Rabelo Souza. III. Silva, Letícia Paloma de Freitas Pereira. IV. Chang, Sandra Rodrigues da Silva. V. Título.</p> <p>CDD 22^a ed. 371.9</p>
------	--

Ficha elaborada por: José Aguinaldo da Silva – CRB8a: 7532

CENÁRIOS DE PESQUISAS: AS DEFICIÊNCIAS COMO QUESTÃO

Shirley Silva

Não Somos Melhores

*A vida repartida dia a dia
com quem vinha querendo que a vida
pudesse um dia ser vida,
posso dizer que alguma coisa aprendi
(primeiro com amargura,
depois com essa dolorida lucidez
que nos ensina a ver nossa feiúra).
Aprendi, por exemplo, que não somos
os melhores. Custou mas aprendi.
Tempo largo levei para enxergar
que era de puro desamor a chama
que crescia no olhar companheiro.
Não somos nem melhores nem piores.
Somos iguais. Melhor é a nossa causa.
Todos os que chegamos dessas águas
barrentas e burguesas, para dar
(pouco soubemos dar) uma demão
na roda e transformar a vida injusta
dos que conhecem mesmo a banda podre,
mostramos a nós mesmos, mais que aos outros,
a face verdadeira que levamos.
É repetir: melhor é a nossa causa.
Mas no viver da vida, a vida mesma,
quando é impossível disfarçar,
quando não se pode ser nada mais
do que o homem que a gente é mesmo,
na prática cotidiana da chamada vida,
que é verdadeira prática do homem,
fomos sempre e somente como os outros,
e muitas vezes como os piores dos outros,
os que estão do outro lado,
os que não querem, nem podem, nem pretendem
mudar o que precisa ser mudado
para que a vida possa um dia
ser mesmo vida, e para todos.*

Mello (1986, p. 25-26)

Estabelecer uma questão para o desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica exige da pesquisadora e do pesquisador um conjunto de elementos que a deem a mesma consistência e pertinência como um objeto de estudo e de aprofundamento. Para tanto, esses aspectos não devem estar somente em uma pergunta bem formulada, inquietante e inovadora, ou em uma resposta a um problema social, mas também em como a pesquisa, ao trazer elementos teóricos, analíticos, de correlação e de compreensão do cenário em que se desenvolve, permite a produção de novos dados, olhares e perspectivas para outros estudos que, direta ou indiretamente, tenham relação com o mesmo tema.

É possível dizer que uma das principais tarefas de uma pesquisa acadêmica é desestabilizar o conhecimento e as análises já produzidos sobre sua temática ou, ao retomar questões já amplamente debatidas e investigadas, fornecer novos elementos contributivos e de adensamento.

O Grupo de Estudos e Pesquisas: Diferenças, Deficiências e Desigualdades – Intersecções no Campo da Educação, por meio da produção acadêmica dos seus membros, tem procurado apresentar as complexidades e os atravessamentos existentes quando as situações de deficiências estão no centro do debate. A partir de objetos de estudo e perspectivas teórico-metodológicas diversos, suas pesquisas problematizam, tensionam e fazem emergir a profundidade de suas temáticas.

As situações de deficiências impõem modos de ser e de estar precarizados a uma parcela significativa das pessoas aí circunscritas, manifestando-se nas muitas formas de viverem as relações sociais. A subalternidade e a opressão associadas à precarização, entre tantos outros fatores, qualificariam as situações de exclusão, que são resultantes não de contextos individuais ou particulares, mas do processo social em que se inserem aquelas e aqueles cuja expressão é considerada fora da ordem e dos discursos naturalizados como oficiais.

Este livro apresenta uma coletânea de debates produzidos por pesquisas que têm como temática a questão das diferenças, das deficiências e das desigualdades no campo da educação, assim como no das artes, do lazer e da antropologia. Evidencia-se, ao longo

dos capítulos, a exigência de um olhar atento para a trajetória que se coloca para e nessa produção, de modo a não ocultar, mas fazer sobressair, particularmente em relação às deficiências, o caráter multifacetado do tema, marcado por tangenciamentos teóricos, sociais, políticos, culturais e econômicos e por intersecções com questões de gênero e raça. Desse modo, além da profundidade analítica de cada autora ou autor sobre o objeto desenvolvido, encontram-se aqui os processos que definiram tanto os seus questionamentos quanto os caminhos tomados diante de entraves e atravessamentos.

Respaladas nos próprios campos da ciência que tomam as deficiências como objeto de estudo e nas políticas sociais que buscam responder às necessidades e às demandas das pessoas aí situadas, as pesquisas a seguir trazem contribuições que podem subsidiar e instigar novas produções sobre o tema.

Em suas análises, os capítulos desta publicação transversalizam questões legais; diretrizes de políticas públicas, com ênfase nas educacionais; cotidianos escolares; questões curriculares; trajetórias escolares; processos de subjetivação; o espaço vivido; campos diversos, como artes, lazer, antropologia e Educação do Campo; e questões raciais. Ainda que transitem pelos eixos focais definidos, esses capítulos estão organizados em três seções: Outros olhares sobre deficiências e políticas educacionais; Outros olhares sobre deficiências, contextos e cotidianos escolares; e Outros olhares sobre deficiências e diálogos transversais.

Inaugura a primeira seção *Primeira infância e as situações de deficiência: a constituição do direito à educação*, de Cleber Nelson de Oliveira Silva, que parte de pesquisa realizada para trazer elementos para o debate da constituição, pelo Estado brasileiro, do direito à educação na primeira infância de crianças com deficiência, evidenciando os tensionamentos históricos e políticos para a consolidação do modo como se apresenta na política educacional atual. Isso porque, como nos informa o autor, o lugar de apagamento das crianças nos itinerários da concretização do direito de acesso à escola é ainda mais explícito em relação àquelas com deficiência.

Em seguida, as terminologias e os conceitos utilizados pelos organismos internacionais em suas produções acerca das políticas públicas direcionadas às pessoas com deficiência norteiam o texto de Rodrigo Hissashi Tsuzuki, *Desigualdades e pessoas com deficiência: debate silenciado pela promoção da inclusão*. No exercício de compreender tais formulações em pesquisa já concluída, ele destaca como o debate sobre as desigualdades – elemento crucial para pensar as políticas públicas destinadas a essa parcela da população – é substituído pela “inclusão”, o que teria uma influência direta nas proposições apresentadas para diversas áreas. O autor observou, de forma genérica, esse mesmo processo nas produções acadêmicas sobre a temática.

Em *Intelectuais na educação: experiências educacionais de professoras pioneiras na institucionalização da escolarização de pessoas com deficiência no estado do Pará*, Roseane Rabelo Souza Farias, ao apresentar parte de uma análise feita em pesquisa anterior, aponta o processo de mobilização de ideias e modelos pedagógicos impulsionado pelas docentes entrevistadas, que contribuem, assim, para a produção de conhecimento. Ela propõe pensá-las como intelectuais da educação, uma vez que suas atuações acabaram por estruturar a institucionalização da escolarização de pessoas com deficiência.

Em sua pesquisa em desenvolvimento, Sandra Rodrigues da Silva Chang, por sua vez, investiga como o debate entre a educação profissional e a Educação Especial tem sido conceituado e analisado. Em *A educação profissional de pessoas com deficiência sob a perspectiva da produção acadêmica brasileira*, ela conclui que a educação profissional vem sendo tratada majoritariamente como meio de acesso ao mundo do trabalho ou ao emprego formal, problematizando a necessidade de uma discussão mais aprofundada e com interfaces com a Educação Especial.

O avesso de um direito – representações sobre escolarização e pessoas com deficiência inscritas em cotidianos educacionais, de minha autoria, procura analisar trajetórias escolares de pessoas com deficiência matriculadas no Ensino Fundamental a partir de suas documentações escolares, criando *scripts* que se antepõem, se sobrepõem e acabam por materializar suas experiências de escolarização.

Por fim, *Universalização e focalização – uma análise a partir das políticas educacionais direcionadas às pessoas com deficiência*, de Virgínia Gonçalves de Oliveira, apresenta uma análise da transitoriedade entre esses dois conceitos na formulação de políticas educacionais direcionadas às pessoas com deficiência, temática central de pesquisa concluída pela autora. Por meio do exame das proposições presentes nesses documentos, ela identifica como o debate da universalização do direito das pessoas com deficiência à educação, ainda que se apresente como princípio, se operacionaliza por ações que ora uniformizam e padronizam as diferenças, ora são dirigidas a grupos específicos de forma apartada da educação comum.

Na segunda seção, o debate sobre o espaço escolar é redimensionado na análise apresentada por Douglas Vitorio Pavan a partir de pesquisa já finalizada, com contribuições que o problematizam não só do ponto de vista de sua composição arquitetônica, mas sobretudo por ser um lugar de disciplina, controle e vigilância. Em *Espaço, espaço escolar e pessoas com deficiência – aproximações necessárias acerca de disciplina, subalternidade e exclusão*, o pesquisador faz apontamentos, a partir de contribuições teóricas das ciências sociais, sobre o espaço escolar como produção social, cultural e econômica, ou seja, como produto de relações com os desviantes.

No cotidiano da escolarização de pessoas com deficiência, surgem também questões curriculares concernentes à função social da escola, materializadas especialmente na presença e na permanência desses alunos no Ensino Fundamental. Fábio Junio da Silva Santos, em *Escolarização e pessoas com deficiência: esvaziamento do sentido de currículo*, parte de pesquisa desenvolvida ao realizar uma revisão da produção acadêmica sobre o tema nas últimas duas décadas, e aponta um possível esvaziamento do debate sobre o sentido de currículo, o que impactaria a própria concepção da função social da escola.

O papel da escola e a experiência de escolarização, por sua vez, delimitaram a pesquisa de Letícia Paloma de Freitas Pereira Silva, apresentada em *Perspectivas de pertencimento e subjetivações de jovens com deficiência no contexto escolar*. A partir de entrevistas com jovens e adultos com deficiência intelectual, o capítulo traz relatos de suas trajetó-

rias no espaço escolar e de como são formuladas, moldadas e enquadradas as perspectivas de pertencimento e as subjetivações das situações de deficiência, assim como de que modo essas perspectivas e concepções são introjetadas por eles. As narrativas, segundo a autora, indicam uma maquinaria escolar “produtora de deficiências”.

Ubirajara da Silva Caetano fecha a seção com *Educação física na educação infantil: interação e comunicação com crianças com transtorno do espectro autista*. Por meio da análise aprofundada de um diário de campo produzido em sua pesquisa sobre a interação e a comunicação com crianças com transtorno do espectro autista em aulas de educação física, o autor faz uma necessária reflexão sobre o trabalho pedagógico docente para que as práticas escolares não subsidiem práticas excludentes. Ele retoma de seus registros as dinâmicas do trabalho pedagógico e o trato com as diferenças que podem assumir marcações simbólicas de exclusão, impactando o exercício do direito à educação.

Introduz a terceira seção o capítulo de Cristiane Lopes Rocha de Oliveira, cujo tema central é uma análise da escolarização de pessoas com deficiência vinculada a contextos não urbanos, como na *Educação do Campo*, parte integrante de pesquisa em desenvolvimento. Por meio de um olhar plural e interseccional, a autora busca delinear o debate acadêmico realizado sobre essa modalidade, que, por vezes, é pensada de forma independente pela política educacional. *Educação do Campo e escolarização de pessoas com deficiência – delineamento do debate acadêmico* se debruça sobre uma década da produção de dissertações e teses que indicam justamente a existência dessa dicotomia.

Em seguida, *Educação e escolarização de pessoas negras com deficiência: a interseccionalidade como ferramenta de investigação crítica*, de Georgton Anderson da Silva, traz à tona a importância da interseccionalidade para pensar situações em que se operam diferentes opressões, tema central da pesquisa que desenvolve. Para isso, ele não apenas discute raça e deficiência como marcadores sociais, mas questiona os dados das políticas educacionais a partir desses marcadores, ou seja, a necessidade de se considerar tal complexidade ao analisar as informações produzidas sobre as pessoas negras com deficiência, sob o risco de haver enviesamento ou particularização.

O capítulo *Experiência estética, acessibilidade cultural e setor educativo – problematizações e proposições*, de Karen Cristina Celotto Montija, contribui com uma importante reflexão sobre a experiência estética com a arte quando se fala em acessibilidade cultural, temática central de sua pesquisa em andamento. A autora estrutura sua busca por novas ferramentas subsidiárias para a experiência estética e destaca que uma fruição artística mais profunda ou íntima pode fazer parte dos repertórios de acesso das instituições culturais, ao lado dos repertórios já estabelecidos de ordem física e comunicacional. É apontada, ainda, a importância dos setores educativos nessa ação.

Já Laura Juliana de Melo Silva tem o lazer como o foco de sua pesquisa. Em *Reflexões sobre políticas públicas de lazer e o atendimento de pessoas com deficiência*, ela faz uma revisão de literatura que mostra que a temática é praticamente inexistente quando correlacionada às pessoas com deficiência. A ausência do debate também foi constatada por meio da análise de trabalhos apresentados em congressos acadêmicos sobre o campo e da realização de entrevistas com familiares de pessoas com deficiência, que apontaram, nesse caso, a institucionalização do lazer pelas “escolas especiais”, tratado como ocupação do “tempo ocioso” desses alunos.

Pedro Lopes contribui para a terceira seção apresentando, por meio de pesquisa etnográfica, a construção de narrativas, formas de classificação e categorias de diferença que se mobilizam nos cotidianos das pessoas com deficiência intelectual, assim como o modo como impactam as noções de pessoa, independência e autonomia produzidas no interior dessas formulações. Em *Trajetórias de vida de pessoas com deficiência intelectual: notas sobre o uso de entrevistas*, o pesquisador fala também sobre a necessária clareza de definição de elementos norteadores e conceituais antes do uso de entrevistas e trajetórias pessoais como ferramentas metodológicas.

A partir da escrita da vivência e da sua experiência como pessoa com deficiência que transita entre a academia e a escola, Talita Delfino fecha a publicação com *Desafios e possibilidades no entrecruzamento da deficiência enquanto vivência pessoal e objeto de pesquisa*. A autora expõe como esse entrecruzamento vem se constituindo desde o seu

processo pessoal de escolarização na Educação Básica, formação no Ensino Superior e atuação profissional até culminar na proposta de uma pesquisa acadêmica que busca contribuir para a visibilização do protagonismo das pessoas com deficiência na construção de pesquisas no campo da educação.

Com essas produções articuladas por pesquisas acadêmicas já concluídas ou em andamento, espera-se poder contribuir para o próprio campo da pesquisa educacional e para outras áreas que tomam a questão das deficiências como objeto central. Sobre tudo, o objetivo é fomentar a produção de novos olhares, recortes e modos de pensar e problematizar as situações que se produzem em torno dessas áreas e dessas pessoas.

Referências

MELLO, T. Não Somos Melhores. In: MELLO, T. *Poesia comprometida com a minha e a tua vida*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986. p. 25-26.